CAP’ITULO DEZESSETE O segredo de Batilda HARRY, PARE. Que foi? Tinham acabado de alcan’car o t’umulo do Abbott desconhecido. Tem algu’em ali. Algu’em nos observando. Sinto. Ali, perto dos arbustos. Eles ficaram muito quietos, abra’cados, olhando a densa sebe escura em torno do cemit’erio. Harry n~ao conseguia enxergar nada. Tem certeza? Vi uma coisa se mexer. Poderia jurar que vi. Ela o largou para deixar livre a m~ao da varinha. Estamos parecendo trouxas lembrou Harry. Trouxas que acabaram de depositar flores no t’umulo dos pais! Harry, tenho certeza de que h’a algu’em ali! Harry pensou no Hist’oria da magia; diziam que o cemit’erio era malassombrado: e se.? Ent~ao, ele ouviu um ru’ido abafado e viu um montinho de neve deslocada no arbusto para o qual Hermione apontara. Fantasmas n~ao deslocam neve. ‘E um gato disse Harry, ap’os alguns segundos ou um p’assaro. Se fosse um Comensal da Morte j’a estar’iamos mortos. Mas vamos sair daqui e poderemos tornar a vestir a capa. Eles olharam para tr’as v’arias vezes enquanto se dirigiam `a sa’ida do cemit’erio. Harry, que n~ao se sentia t~ao corajoso quanto fingia estar quando tranquilizou Hermione, ficou feliz de alcan’car o port~ao e a cal’cada escorregadia. Tornaram, ent~ao, a se cobrir com a Capa da Invisibilidade. O bar estava mais cheio do que antes: vozes em seu interior agora cantavam a can’c~ao natalina que tinham ouvido ao se aproximar da igreja. Por um momento, Harry pensou em sugerir que se refugiassem ali, mas, antes que pudesse falar, Hermione murmurou: Vamos por aqui. E puxouo pela rua escura, que sa’ia da aldeia, na dire’c~ao oposta `aquela da qual tinham vindo. Harry divisou ao longe o ponto em que os chal’es terminavam e a estradinha entrava em campo aberto. Eles caminharam o mais r’apido que ousaram, passaram por outras tantas janelas em que cintilavam luzes multicoloridas, os contornos de ‘arvores de Natal erguendo sombras atrav’es das cortinas. Como vamos encontrar a casa da Batilda? perguntou Hermione, que tremia um pouco e n~ao parava de espiar por cima do ombro. Harry? Que acha? Harry? Ela puxouo pelo bra’co, mas Harry n~ao a escutara. Estava olhando para uma massa escura onde acabavam as casas. No momento seguinte, ele acelerou o passo, arrastando Hermione; ela escorregou um pouco no gelo. Harry. Olhe. olhe aquilo, Hermione. N~ao estou. ah! Ele estava vendo; o Feiti’co Fidelius devia ter se extinguido com Tiago e L’ilian. A sebe crescera livremente nos dezesseis anos desde que Hagrid retirara Harry dos escombros ainda espalhados pelo capim, que chegava `a cintura. A maior parte do chal’e permanecia de p’e, embora inteiramente coberta de hera escura e neve, mas o lado direito do andar superior explodira; por ali, Harry estava seguro, o feiti’co se voltara contra quem o lan’cara. Ele e Hermione pararam ao port~ao, contemplando as ru’inas do que tinha sido, no passado, uma casa exatamente como as vizinhas. Por que ser’a que ningu’em a reconstruiu? sussurrou Hermione. Talvez n~ao se possa reconstru’ila? Talvez seja como os ferimentos produzidos pelas Artes das Trevas que n~ao s~ao cur’aveis? Ele passou a m~ao para fora da capa e segurou o port~ao muito enferrujado e coberto de neve, sem querer abrilo, mas tentando, simplesmente, tocar alguma parte da casa. Você n~ao vai entrar, vai? Parece perigoso, pode. ah, Harry, olhe! Seu toque no port~ao parecia ter bastado. Erguerase uma placa diante deles, atrav’es do emaranhado de urtigas e ervas daninhas, como uma flor bizarra que crescesse instantaneamente e, na inscri’c~ao dourada na madeira, ele leu: Neste local, na noite de 31 de outubro de 1981, L’ilian e Tiago Potter perderam a vida. Seu filho, Harry, ‘e o ‘unico bruxo a ter sobrevivido `a Maldi’c~ao da Morte. Esta casa, invis’ivel aos trouxas, foi mantida em ru’inas como um monumento aos Potter e uma lembran’ca da violência que destruiu sua fam’ilia. A toda volta desse texto conciso, havia rabiscos feitos por outros bruxos que tinham visitado o local em que OMeninoQueSobreviveu realizara tal feito. Alguns assinaram seus nomes em tinta perp’etua; outros gravaram as iniciais na madeira, outros, ainda, deixaram mensagens. As mais recentes, que se destacavam, reluzentes, sobre os dezesseis anos de grafitos m’agicos, diziam mais ou menos o mesmo: Boa sorte, Harry, onde quer que esteja. Se ler esta mensagem, Harry, saiba que estamos com você! Viva Harry Potter. Eles n~ao deviam ter rabiscado a placa! comentou Hermione, indignada. Harry, por’em, sorriu para ela. ‘E genial. Fico feliz que tenham escrito. Eu. E se calou. Um vulto muito agasalhado capengava pela estradinha em sua dire’c~ao, recortado pela ilumina’c~ao clara, na pra’ca ao longe. Harry achou, embora fosse dif’icil julgar, que era o vulto de uma mulher. Ela se movia com lentid~ao, possivelmente receosa de escorregar no ch~ao nevado. Suas costas curvadas, sua corpulência, seu andar arrastado, tudo indicava uma idade muito avan’cada. Eles observaram sua aproxima’c~ao em silêncio. Harry estava aguardando para ver se ela entraria em um dos chal’es pelo caminho, mas sabia, instintivamente, que n~ao faria isso. Por fim, ela parou a uns poucos metros dos dois e, simplesmente, ficou ali no meio da rua congelada, encarandoos. Ele n~ao precisou que Hermione beliscasse seu bra’co. Praticamente n~ao havia chance de que a mulher fosse trouxa: estava parada de olhos pregados em uma casa que lhe seria inteiramente invis’ivel se n~ao fosse bruxa. Mesmo supondo que fosse uma bruxa, no entanto, era um comportamento estranho sair em uma noite t~ao fria, simplesmente para contemplar uma velha ru’ina. Pelas regras da magia normal, ela n~ao deveria poder vêlos. Contudo, Harry tinha a estranha impress~ao de que sabia da presen’ca deles ali, e tamb’em sabia quem eram. No momento em que ele chegou a essa inquietante conclus~ao, a mulher ergueu a m~ao enluvada e fez sinal para que se aproximassem. Hermione se achegou a Harry sob a capa, seu bra’co comprimindo o dele. Como ‘e que ela sabe? Ele sacudiu a cabe’ca. A mulher tornou a cham’alos, mais energicamente. Harry poderia pensar em muitas raz~oes para n~ao obedecer, contudo, suas suspeitas a respeito da identidade dela tornavamse mais fortes a cada segundo em que continuavam parados, se encarando na rua deserta. Seria poss’ivel que estivesse esperando por eles todos esses longos meses? Que Dumbledore lhe tivesse dito para esperar porque Harry acabaria aparecendo? N~ao seria prov’avel que fosse a coisa que se mexera nas sombras do cemit’erio e os seguira at’e ali? At’e a sua capacidade de sentilos sugeria um poder `a la Dumbledore, que ele jamais encontrara. Harry, por fim, falou, fazendo Hermione ofegar sobressaltada. A senhora ‘e Batilda? O vulto agasalhado assentiu e tornou a lhes fazer sinal para se aproximarem. Sob a capa, Harry e Hermione se entreolharam. Ele ergueu as sobrancelhas; Hermione fez um aceno breve e nervoso com a cabe’ca. Os dois foram ao encontro da mulher e, na mesma hora, ela deu meiavolta e saiu manquejando pelo caminho que viera. Conduzindoos pela fileira de casas, entrou por um port~ao. Os garotos a seguiram por um caminho ladeado por um jardim quase t~ao crescido quanto o que tinham acabado de deixar. Ela se atrapalhou um instante com a chave `a porta, abriua e se afastou para deix’alos entrar. A bruxa cheirava mal, ou talvez fosse a casa: Harry torceu o nariz ao passarem por ela, e tirou a capa. Agora ao seu lado, o garoto percebeu como era mi’uda; curvada pela idade, mal alcan’cava o seu peito. A bruxa fechou a porta, as juntas dos dedos azuis e manchados contra a tinta descascada, ent~ao se virou e espiou o rosto de Harry. Seus olhos tinham cataratas e pregas fundas de pele transparente, e todo o seu rosto era riscado de pequenas veias rompidas e manchas marrons. Ele ficou em d’uvida se a mulher realmente poderia vêlo; e, mesmo que pudesse, o que veria se n~ao o trouxa careca cuja identidade ele roubara? O odor de velhice, de poeira, de roupas sujas e de comida ran’cosa piorou quando ela retirou o xale preto ro’ido de tra’cas, revelando uma cabeleira branca e rala que deixava vis’ivel o couro cabeludo. Batilda? repetiu Harry. Ela tornou a assentir. Harry percebeu a presen’ca do medalh~ao contra sua pele; a coisa ali dentro, que por vezes batia, acabara de despertar; ele a sentia pulsar atrav’es do ouro frio. Ser’a que entendia que a coisa que a destruiria estava t~ao perto? Batilda passou por eles arrastando os p’es, empurrando Hermione para o lado como se n~ao a tivesse visto e desapareceu, provavelmente em uma sala de visitas. Harry, n~ao me sinto muito segura sussurrou Hermione. Olhe o tamanho dela; acho que poder’iamos domin’ala, se fosse preciso comentou Harry. Escute, devia ter lhe dito, eu j’a sabia que n~ao est’a batendo bem da bola. Muriel chamoua de gag’a. Entre! convidou Batilda da sala vizinha. Hermione se assustou e agarrou o bra’co de Harry. Tudo bem disse ele, tranquilizandoa, e entrou `a sua frente. Batilda andava vacilante pela sala, acendendo velas, mas o lugar continuava muito escuro, para n~ao falar de sua extrema sujeira. Os p’es de Harry esmagavam uma grossa camada de poeira e seu nariz sentia, sob o odor de mofo e umidade, algo pior, talvez carne estragada. Perguntouse quando teria sido a ‘ultima vez que algu’em viera `a casa de Batilda para verificar se estava tudo bem. Ela parecia ter esquecido seus dotes de magia, porque se atrapalhava acendendo as velas, seus punhos de renda em constante risco de pegar fogo. Deixeme ajud’ala ofereceuse Harry, tirando os f’osforos de sua m~ao. Ela o observou terminar de acender os tocos de vela sobre pires por toda a sala, precariamente equilibrados sobre pilhas de livros e mesinhas laterais cheias de copos rachados e bolorentos. A ‘ultima superf’icie em que Harry localizou uma vela foi uma cômoda bom b’ee, em que havia um grande n’umero de fotografias. Ao acender a vela, a chama se refletiu nos vidros e portaretratos de prata empoeirados. Ele viu as fotos se mexerem brevemente. Enquanto Batilda apanhava umas achas de lenha para a lareira, Harry murmurou Tergeo. A poeira desapareceu das fotos e ele viu imediatamente que faltava uma meia d’uzia delas nos portaretratos mais trabalhados. Ficou em d’uvida se Batilda ou outra pessoa as teria removido. Ent~ao, a vis~ao de uma foto mais ao fundo da cole’c~ao atraiu sua aten’c~ao, e ele a apanhou. Era o ladr~ao de cabelos dourados e rosto risonho, o rapaz que se empoleirara no peitoril da janela de Gregorovitch, sorrindo indolentemente para Harry, em seu portaretrato de prata. E ocorreulhe instantaneamente onde o vira antes: em A vida e as mentiras de Alvo Dumbledore de bra’co dado com Dumbledore, e devia ser l’a que estavam as fotos desaparecidas: no livro de Rita. Sra. srta. Bagshot? disse ele, e sua voz tremeu um pouco. Quem ‘e ele? Batilda estava parada no meio da sala observando Hermione acender o fogo para ela. Srta. Bagshot? repetiu Harry, e adiantouse com a foto nas m~aos, no instante em que as achas pegavam fogo na lareira. Batilda ergueu os olhos ao ouvilo, e a Horcrux bateu mais r’apido em seu peito. Quem ‘e esse rapaz?, perguntou Harry, estendendo a foto. Batilda olhou solenemente para a foto e em seguida para Harry. A senhorita sabe quem ‘e? insistiu em um tom mais lento e alto do que o normal. Esse rapaz? A senhorita o conhece? Como ‘e o nome dele? Batilda tinha um ar hesitante. Harry sentiu uma horr’ivel frustra’c~ao. Como Rita fizera aflorar as lembran’cas da bruxa? Quem ‘e esse rapaz? perguntou, mais uma vez, em voz alta. Harry, que est’a fazendo? indagou Hermione. A foto, Hermione, ‘e do ladr~ao, o ladr~ao que roubou Gregorovitch! Por favor! pediu ele a Batilda. Quem ‘e? Ela, por’em, continuou olhando calada. Por que a senhora nos pediu para acompanh’ala, sra. srta. Bagshot? perguntou Hermione, tamb’em alteando a voz. A senhora queria nos dizer alguma coisa? Sem dar sinal de ter ouvido Hermione, Batilda agora se adiantou para Harry. Com um pequeno movimento de cabe’ca, ela espiou para o hall de entrada. Quer que a gente v’a embora? perguntou ele. Ela repetiu o gesto, desta vez apontando primeiro para ele, depois para si mesma e, em seguida, para o teto. Ah, certo. Hermione, acho que ela quer que eu suba com ela. Est’a bem, vamos. Quando, por’em, Hermione come’cou a andar, Batilda sacudiu a cabe’ca com surpreendente energia, e mais uma vez apontou para Harry, depois para si mesma. Quer que eu v’a com ela, sozinho. Por quê? perguntou Hermione, e sua voz soou alta e r’ispida na sala iluminada a velas; a velha sacudiu levemente a cabe’ca de leve ao ouvir o barulho. Talvez Dumbledore tenha dito para entregar a espada a mim e somente a mim? Você realmente acha que ela sabe quem você ‘e? Acho respondeu Harry, olhando para os olhos esbranqui’cados fixos nos dele. Acho que sabe. Bem, ent~ao o.k., mas seja r’apido, Harry. V’a na frente disse Harry a Batilda. Ela pareceu entender, porque passou por ele e se encaminhou para a porta. Harry olhou para tr’as e sorriu querendo tranquilizar Hermione, mas n~ao sabia se a amiga teria visto o seu gesto; ela parou apertando o corpo com os bra’cos em meio `a sujeira iluminada a velas, o olhar na estante. Quando Harry foi saindo da sala, sem que Hermione ou Batilda vissem, ele guardou, no palet’o, o portaretrato de prata com a foto do ladr~ao desconhecido. Os degraus eram altos e estreitos: Harry se sentiu tentado a colocar as m~aos nas n’adegas da corpulenta Batilda para garantir que n~ao ca’isse de costas por cima dele, o que parecia extremamente prov’avel. Devagar, arquejando um pouco, ela subiu ao primeiro andar, virou `a direita e levouo para um quarto de teto baixo. Estava muito escuro e fedia horrivelmente: Harry acabara de divisar a borda de um penico embaixo da cama quando Batilda fechou a porta e at’e isso foi engolido pela escurid~ao. Lumos disse Harry, e sua varinha acendeu. Levou um susto: Batilda se aproximara dele naqueles segundos de escurid~ao, e ele nem a ouvira. Você ‘e Potter? sussurrou ela. Sim, sou. Ela assentiu lenta e solenemente. Harry sentiu a Horcrux batendo depressa, mais depressa do que o seu pr’oprio cora’c~ao: foi uma sensa’c~ao desagrad’avel e enervante. A senhora tem alguma coisa para mim? perguntou Harry, mas a bruxa pareceu se distrair com a ponta acesa de sua varinha. A senhora tem alguma coisa para mim?, repetiu ele. Ent~ao, ela fechou os olhos e v’arias coisas aconteceram ao mesmo tempo: a cicatriz de Harry ardeu dolorosamente; a Horcrux vibrou tanto que o peito do su’eter do garoto chegou a mexer; o quarto escuro e f’etido se dissolveu momentaneamente. Ele sentiu uma s’ubita sensa’c~ao de alegria e falou com uma voz aguda e fria: segureo! Harry oscilou sem sair do lugar: o quarto escuro e malcheiroso pareceu tornar a se fechar ao seu redor; ele n~ao sabia o que acabara de acontecer. A senhora tem alguma coisa para mim? perguntou, pela terceira vez, bem mais alto. Aqui sussurrou ela, apontando para um canto. Harry ergueu a varinha e viu os contornos de uma penteadeira muito cheia sob uma janela com cortinas. Desta vez, Batilda n~ao foi `a frente. Harry passou entre ela e a cama desfeita, a varinha erguida. N~ao queria tirar os olhos dela. Que ‘e? indagou ao chegar `a penteadeira em que havia uma pilha de alguma coisa que, pelo cheiro e aspecto, parecia roupa de cama suja. Ali disse ela apontando para a massa informe. E, no instante em que ele virou a cabe’ca e varreu com o olhar o amontoado confuso `a procura de um punho de espada, um rubi, ela fez um movimento estranho: Harry percebeuo pelo canto do olho; o pânico fez com que se voltasse e o horror o paralisou ao ver o velho corpo se despojar e uma grande cobra sair do lugar onde fora o pesco’co da bruxa. A cobra atacouo quando ele ergueu a varinha: a for’ca da mordida em seu bra’co fez a varinha girar para o alto em dire’c~ao ao teto, sua luz rodopiou sem dire’c~ao pelo quarto e se apagou: ent~ao, um poderoso golpe de cauda em seu diafragma deixouo completamente sem ar: ele tombou de costas sobre a penteadeira, no meio do monte de roupa imunda. Harry rolou para o lado, evitando, por um triz, o rabo da cobra, que golpeava a penteadeira onde ele estivera um segundo antes; cacos da superf’icie de vidro choveram sobre ele quando bateu no ch~ao. L’a de baixo, ele ouviu Hermione chamar: Harry? N~ao conseguiu, por’em, repor ar suficiente nos pulm~oes para responder: ent~ao uma massa lisa e pesada esmagouo contra o ch~ao e ele a sentiu deslizar por cima dele, forte, musculosa. N~ao! ofegou, preso ao ch~ao. Sim sussurrou a voz. Sssim. seguro você. seguro você. Accio. Accio varinha. Nada aconteceu, por’em, e ele precisava das m~aos para tentar empurrar para longe a cobra que se enrolava em torno do seu tronco, tirandolhe o ar, comprimindo a Horcrux contra seu peito, um c’irculo de gelo que pulsava de vida, a cent’imetros do seu pr’oprio cora’c~ao disparado, e seu c’erebro se inundava de luz branca e fria, obliterando todo pensamento, sua respira’c~ao sufocada, passos distantes, tudo indo. Um cora’c~ao de metal batia fora do seu peito, e agora ele estava voando, voando sentindo o triunfo em seu cora’c~ao, sem precisar de vassoura nem de testr’alio. Harry foi bruscamente acordado na escurid~ao fedorenta; Nagini o soltara. Ele se levantou com ajuda dos bra’cos e viu a cobra recortada contra a luz do corredor: ela atacou, e Hermione atirouse para o lado com um grito. Seu feiti’co se desviou e bateu na janela cortinada, despeda’candoa. O ar gelado encheu o quarto no momento em que Harry mergulhou para evitar mais uma chuva de cacos de vidro e seu p’e escorregou em um objeto cil’indrico sua varinha. Ele se abaixou e apanhoua, mas agora o quarto estava dominado pela cobra, que golpeava com o rabo; Hermione n~ao estava `a vista e, por um momento, Harry pensou o pior, mas ouviu, ent~ao, um estampido alto e um clar~ao vermelho, e a cobra voou pelo ar atingindo com for’ca o rosto do garoto; ao subir, volta a volta, o animal foi desenrolando, em dire’c~ao ao teto. Harry ergueu a varinha, mas, ao fazêlo, sua cicatriz queimou mais dolorosamente, mais intensamente do que fizera em anos. Ele est’a vindo! Hermione, ele est’a vindo! Enquanto Harry berrava, a cobra caiu, sibilando ferozmente. Instaurouse o caos: a cobra destruiu as prateleiras na parede e cacos de porcelana voaram para todo lado no momento em que Harry saltava por cima da cama e agarrava a forma escura que ele sabia ser Hermione. Ela gritou de dor ao ser puxada por cima da cama: a cobra tornou a armar um bote, mas Harry sabia que algo pior do que o animal estava a caminho, talvez j’a estivesse no port~ao, sua cabe’ca ia rachar de dor na cicatriz. A cobra avan’cou quando ele deu um salto veloz, arrastando Hermione junto; quando Nagini atacou, Hermione gritou: Confringo!, e o feiti’co voou pelo quarto, explodindo o espelho do guardaroupa e ricocheteando contra eles, quicando do ch~ao ao teto; Harry sentiu o calor do feiti’co queimar o dorso de sua m~ao. Cacos do espelho cortaramlhe a face no momento em que, puxando Hermione, saltou da cama para a penteadeira desmantelada e, dali, direto para a janela estilha’cada e o v’acuo, o grito dela ecoando pela noite enquanto rodopiavam pelo ar. Ent~ao, sua cicatriz se rompeu e ele era Voldemort e estava correndo pelo quarto f’etido, as m~aos longas e brancas agarrando o peitoril da janela ao vislumbrar o homem careca e a mulher mi’uda girarem e desaparecerem, e ele gritou enfurecido, um grito que se fundiu ao da garota e ecoou pelos jardins escuros e se sobrepôs ao repique dos sinos da igreja no dia de Natal. E seu grito foi o grito de Harry, sua dor, a dor de Harry. que pudesse acontecer ali, onde acontecera antes. ali, `a vista da casa onde ele chegara t~ao perto de saber o que era morrer. morrer. a dor era t~ao terr’ivel. irrompia do seu corpo. mas, se n~ao tinha corpo, por que sua cabe’ca do’ia tanto, se estava morto, como poderia sentila de forma t~ao insuport’avel, a dor n~ao cessava com a morte, n~ao ia. A noite ‘umida de ventania, duas crian’cas vestidas de ab’oboras atravessavam a pra’ca bamboleando, e as vitrines das lojas cobertas de aranhas de papel, todos os adornos baratos e kitsch dos trouxas simbolizando um mundo em que eles n~ao acreditavam. e ele seguia deslizando, aquele senso de prop’osito e poder e corre’c~ao que sempre experimentava nessas ocasi~oes. n~ao raiva. isso era para almas mais fracas que ele. mas triunfo, sim. esperara por isso, desejara isso. Bonita fantasia, mo’co! Ele viu o sorriso do menino vacilar quando se aproximou o suficiente para espiar sob o capuz da capa, viu o medo anuviar o rostinho pintado: ent~ao a crian’ca deu meiavolta e fugiu correndo. por baixo da veste, ele acariciou o punho da varinha. um simples movimento e a crian’ca jamais chegaria `a m~ae. mas desnecess’ario, muito desnecess’ario. E, ao longo de uma rua mais escura, ele caminhou, e agora seu destino estava finalmente `a vista, o Feiti’co Fidelius desfeito, embora os moradores ainda n~ao soubessem. e ele fez menos ru’ido do que as folhas mortas que esvoa’cavam pela cal’cada quando se emparelhou com a sebe escura e espiou por cima. Eles n~ao tinham fechado as cortinas, viuos claramente na pequena sala de visitas, o homem alto de cabelos negros e ‘oculos, fazendo baforadas de fuma’ca colorida sa’irem de sua varinha para divertir o menininho de cabelos negros e pijama azul. A crian’ca ria e tentava pegar a fuma’ca, segur’ala em sua m~aozinha fechada. Uma porta abriu e a m~ae entrou, dizendo palavras que ele n~ao pôde ouvir, seus longos cabelos acaju caindo pelo rosto. O pai ergueu o filho do ch~ao e entregouo `a m~ae. Atirou a varinha sobre o sof’a e se espregui’cou, bocejando. O port~ao rangeu um pouco quando ele o abriu, mas Tiago Potter n~ao ouviu. Sua m~ao branca tirou a varinha de sob a capa e apontoua para a porta que se abriu com violência. J’a cruzara a porta quando Tiago chegou correndo ao hall. Foi f’acil, f’acil demais, ele nem chegara a apanhar a varinha. L’ilian, pegue Harry e v’a! ‘E ele! V’a! Corra! Eu o atraso. Detêlo, sem uma varinha na m~ao!. Ele riu antes de lan’car a maldi’c~ao. Avada Kedavra! O clar~ao verde inundou o hall apertado, iluminou o carrinho de bebê encostado `a parede, fez os bala’ustres da escada lampejarem como raios e Tiago Potter caiu como uma marionete cujos cord~oes tivessem sido cortados. Ele ouviu a mulher gritar no primeiro andar, encurralada, mas, enquanto tivesse bom senso, ela, pelo menos, nada teria a temer. ele subiu a escada, achando gra’ca nos esfor’cos que ela fazia para se entrincheirar no. ela tamb’em n~ao tinha varinha. como eram idiotas e confiantes em julgar que sua seguran’ca eram os amigos, que as armas poderiam ser postas de lado mesmo por instantes. Ele arrombou a porta, atirou para o lado a cadeira e as caixas apressadamente empilhadas para defendêla com um displicente aceno da varinha. e ali estava ela, a crian’ca nos bra’cos. Ao vêlo, L’ilian largou o filho no ber’co `as suas costas e abriu bem os bra’cos, como se isso pudesse adiantar, como se ocultandoo esperasse ser escolhida como alvo. O Harry n~ao, o Harry n~ao, por favor, o Harry n~ao! Afastese, sua tola. afastese, agora. Harry n~ao, por favor, n~ao, me leve, me mate no lugar dele. Este ‘e o meu ‘ultimo aviso. Harry n~ao! Por favor. tenha piedade. tenha piedade. Harry n~ao! Harry n~ao! Por favor. farei qualquer coisa. Afastese. afastese, garota. Ele poderia têla afastado do ber’co `a for’ca, mas lhe pareceu mais prudente liquidar todos. O clar~ao verde lampejou pelo quarto e ela tombou como o marido. Todo esse tempo, a crian’ca n~ao gritara: sabia ficar em p’e segurando as grades do ber’co, e ergueu os olhos para o rosto do intruso com uma esp’ecie de vivo interesse, talvez achando que fosse seu pai escondido sob a capa, e que ele produziria mais luzes bonitas, e sua m~ae reapareceria a qualquer momento, rindo. Ele apontou a varinha certeiramente para o rosto do menino: queria ver acontecer, a destrui’c~ao desse perigo inexplic’avel. A crian’ca come’cou a chorar: notara que ele n~ao era Tiago. N~ao gostava de bebê chorando, nunca fora capaz de suportar as criancinhas choramingando no orfanato. Avada Kedavra! Ent~ao ele sucumbiu: n~ao era mais nada exceto dor e terror e precisava se esconder, n~ao aqui nos destro’cos da casa em ru’inas, onde a crian’ca estava presa, aos berros, mas longe. longe. N~ao gemeu ele. A cobra se arrastou pelo ch~ao imundo e atravancado, e ele matara o garoto, contudo ele era o garoto. N~ao. Agora estava parado `a janela estilha’cada da casa de Batilda, absorto nas lembran’cas de sua maior perda, e a seus p’es a enorme cobra rastejava pelos cacos de porcelana e vidro. ele baixou os olhos e viu algo. algo inacredit’avel. N~ao. Harry, est’a tudo bem, você est’a bem! Ele se abaixou e apanhou a foto amassada. Ali estava ele, o ladr~ao desconhecido, o ladr~ao que ele estava procurando. N~ao. eu a deixei cair. eu a deixei cair. Harry, tudo bem, acorde, acorde! Ele era Harry. Harry, e n~ao Voldemort. e a coisa que fazia o ru’ido abafado n~ao era uma cobra. Abriu os olhos. Harry sussurrou Hermione. Você est’a se sentindo. bem? Estou mentiu ele. Estava na barraca, deitado em uma das camas baixas do beliche, sob uma montanha de cobertores. Percebia que era quase manh~a pela quietude e friagem, a luz p’alida al’em do teto da barraca. Ele estava encharcado de suor; sentia o suor nos len’c’ois e cobertores. Escapamos. Sim disse Hermione. Precisei usar o Feiti’co de Levita’c~ao para deitar você no beliche, n~ao consegui levant’alo. Você esteve. bem, você n~ao esteve muito. Havia olheiras arroxeadas sob seus olhos castanhos e ele viu uma pequena esponja em sua m~ao: Hermione estivera enxugando o rosto dele. Você esteve doente ela terminou a frase. Muito doente. Quanto tempo faz que partimos? Horas. Est’a quase amanhecendo. E eu estive. o quê, inconsciente? N~ao, exatamente respondeu Hermione constrangida. Esteve gritando e gemendo e. coisas acrescentou em um tom que deixou Harry inquieto. Que teria feito? Berrara maldi’c~oes como Voldemort; chorara como o bebê no ber’co? N~ao consegui retirar a Horcrux de você, disse Hermione, e ele percebeu que a amiga queria mudar de assunto. Ficou presa, presa no seu peito. Deixou uma marca; lamento. Tive de usar o Feiti’co de Corte para solt’ala. A cobra tamb’em o mordeu, mas limpei o ferimento e apliquei um pouco de ditamno. Ele arrancou do corpo a camiseta suada que usava e olhou para baixo. Havia uma oval escarlate sobre seu cora’c~ao, onde o medalh~ao o queimara. Viu tamb’em as marcas de furos quase cicatrizadas em seu bra’co. Onde guardou a Horcrux? Na minha bolsa. Acho que n~ao dev’iamos us’ala por um tempo. Ele se recostou nos travesseiros e fitou o rosto atormentado e cinzento de Hermione. N~ao dev’iamos ter ido a Godrics Hollow. Foi minha culpa, minha inteira culpa, sinto muito. N~ao foi sua culpa. Eu quis ir tamb’em; realmente pensei que Dumbledore tivesse deixado a espada l’a para você. ‘E, bem. entendemos mal, n~ao foi? Que aconteceu, Harry? Que aconteceu quando ela o levou pra cima? A cobra estava escondida em algum lugar? E simplesmente saiu e a matou e atacou você? N~ao. Ela era a cobra. ou a cobra era ela. todo o tempo. Qquê? Ele fechou os olhos. Ainda podia sentir o cheiro da casa de Batilda em seu corpo: isso tornava o epis’odio pavorosamente v’ivido. Batilda devia estar morta havia algum tempo. A cobra estava. estava dentro dela. VocêSabeQuem levoua para Godrics Hollow para esperar. Você tinha raz~ao. Ele sabia que eu voltaria. A cobra estava dentro dela? Ele reabriu os olhos: Hermione parecia revoltada, nauseada. Lupin disse que haveria magia que jamais imagin’aramos existir respondeu Harry. Ela n~ao quis falar na sua frente porque era a linguagem das cobras, pura ofidioglossia, e n~ao percebi, mas ‘e claro que a entendi. Uma vez no quarto, a cobra mandou uma mensagem a VocêSabeQuem, ouvi a transmiss~ao em minha cabe’ca, sentio excitado, disse para me segurar l’a. ent~ao. Lembrouse da cobra saindo do pesco’co de Batilda: Hermione n~ao precisava conhecer os detalhes. . ela se transformou, se transformou em uma cobra e me atacou. Harry baixou os olhos para as marcas dos furos. N~ao era para me matar, s’o para me segurar ali at’e VocêSabeQuem chegar. Se ele ao menos tivesse conseguido matar a cobra, teria valido a pena tudo. Desgostoso, sentouse e atirou as cobertas para o lado. Harry, n~ao, tenho certeza que precisa descansar! Você ‘e que precisa dormir. Sem querer ofender, você est’a com uma cara horr’ivel. Estou ‘otimo. Vou fazer a vigia por um tempo. Onde est’a minha varinha? Ela n~ao respondeu, olhouo apenas. Onde est’a minha varinha? Ela mordeu os l’abios e as l’agrimas encheram seus olhos. Harry. Onde est’a minha varinha? Hermione se abaixou para apanh’ala ao lado da cama e entregoua. A varinha de azevinho e fênix estava quase partida ao meio. Um fr’agil fio de pena de fênix mantinha as metades penduradas. A madeira rachara inteiramente. Harry apanhou o objeto como se fosse um organismo vivo que tivesse sofrido um grave ferimento. N~ao conseguiu pensar direito: tudo pareceu uma fus~ao de pânico e medo. Estendeu, ent~ao, a varinha para Hermione. Consertea. Por favor. Harry, acho que quando se parte assim. Por favor, Hermione, tente! Rreparo. A parte pendurada da varinha tornou a emendar. Harry empunhoua. Lumus! A varinha soltou uma faisquinha e se apagou. Harry apontoua para Hermione. Expelliarmus! A varinha de Hermione sacudiu, mas n~ao se soltou de sua m~ao. A fraca tentativa de magia foi demais para a varinha, que tornou a se partir em dois. Harry contemploua, consternado, incapaz de absorver o que estava vendo. a varinha que sobrevivera a tanto. Harry Hermione sussurrou t~ao baixinho que ele quase n~ao pôde ouvila. Sinto muito mesmo. Acho que fui eu. Quando est’avamos indo embora, entende, a cobra avan’cou para n’os, ent~ao lancei um Feiti’co Detonador e ele ricocheteou para todo lado e deve ter. deve ter atingido. Foi um acidente disse Harry, maquinalmente. Sentiase vazio, atordoado. Encontraremos. encontraremos um jeito de consert’ala. Harry, acho que n~ao conseguiremos disse Hermione, as l’agrimas escorrendo pelo rosto. Lembra. lembra o Rony? Quando partiu a varinha no acidente com o carro? Nunca mais foi a mesma, ele teve que comprar uma nova. Harry pensou em Olivaras, sequestrado e ref’em de Voldemort, em Gregorovitch, que estava morto. Como iria encontrar uma varinha nova? Bem replicou Harry, em um tom falsamente objetivo , bem, acho que por ora precisarei pedir a sua emprestada. Enquanto vigio. O rosto brilhando de l’agrimas, Hermione entregou a varinha e Harry saiu, deixandoa sentada junto `a cama dele, nada mais desejando sen~ao ficar longe da amiga.

Querida Kitty Ontem houve outro barulho. Mam~ae armou um banz’e dos diabos dizendo a papai tudo o que pensava a meu respeito. Depois, teve uma crise de choro, e ‘e claro que eu tamb’em desatei em l’agrimas. De qualquer forma, fiquei com uma terr’ivel dor de cabe’ca. No final, eu disse a papai que gostava muito mais dele do que dela, e ele respondeu que isso ia passar. N~ao acredito que passe. Com mam~ae tenho de me controlar para n~ao perder a calma. Papai quer que eu, `as vezes, me ofere’ca para ajudar mam~ae, quando ela n~ao est’a passando bem ou est’a com dor de cabe’ca. Mas n~ao vou fazer isso. Estou estudando francês um bocado, e agora estou lendo La belle nivernaise. Sua Anne. Sextafeira, 9 de outubro de 1942 Querida Kitty Hoje s’o tenho not’icias tristes e deprimentes para lhe contar. Nossos amigos judeus est~ao sendo levados embora `as d’uzias. Essa gente est’a sendo tratada pela Gestapo sem um m’inimo de decência. S~ao amontoados em vag~oes de gado e enviados para Westerbork, o grande campo de concentra’c~ao para judeus, em Drente. Westerbork parece ser terr’ivel: um ‘unico lavat’orio para centenas de pessoas e muito poucas privadas. N~ao h’a acomoda’c~oes separadas para homens e mulheres, e todos têm que dormir juntos. Dizem que h’a muita imoralidade por causa disso, e muitas mulheres e at’e mocinhas obrigadas a ficar l’a por muito tempo ficam esperando bebê. Fugir ‘e imposs’ivel; os internados ficam marcados pela sua cabe’ca raspada ou pela sua aparência judia. Se ‘e t~ao ruim na Holanda, imagine o que n~ao ser’a nas regi~oes b’arbaras e distantes para onde s~ao enviados? Sabemos que a maioria ‘e assassinada. A r’adio inglesa fala de morte em câmaras de g’as. Talvez esse seja o meio mais r’apido de morrer. Estou terrivelmente nervosa. Mas eu n~ao conseguia desgrudar da sala enquanto Miep contava essas coisas horr’iveis. Ela tamb’em est’a muito perturbada com tudo isso. H’a pouco tempo, por exemplo, uma pobre judia, velha e aleijada, estava sentada `a sua porta. Os homens da Gestapo lhe haviam ordenado que n~ao sa’isse dali at’e que um carro a fosse apanhar. A pobre infeliz estava aterrorizada pelas bombas que as baterias antia’ereas atiravam contra os avi~oes ingleses e pelos poderosos fachos de luz dos refletores. Mas Miep n~ao se atreveu a mand’ala entrar; ningu’em correria esse risco. Os alem~aes atacam sem a menor piedade. Elli tamb’em est’a muito quieta. Seu namorado teve de partir para a Alemanha. Ela teme que os aviadores que sobrevoam nossas casas deixem cair suas bombas algumas delas chegam a pesar um milh~ao de quilos na cabe’ca de Dirk. Dizer piadas como n~ao ‘e prov’avel que ele ganhe um milh~ao ou uma bomba s’o ‘e suficiente ‘e brincadeira de muito mau gosto. A verdade ‘e que Dirk n~ao foi o ‘unico que teve de partir. Trens abarrotados de rapazes partem diariamente. `As vezes, ao pararem em alguma pequena esta’c~ao no meio do caminho, uns poucos conseguem fugir. Infelizmente ainda n~ao terminei com as m’as not’icias. Você j’a ouviu falar em ref’ens? N~ao posso imaginar nada mais horr’ivel. Cidad~aos not’orios gente inocente s~ao atirados na pris~ao `a espera do seu destino. Se o sabotador n~ao for encontrado, a Gestapo simplesmente fuzila cinco ref’ens. As not’icias dessas mortes aparecem freqüentemente nos jornais. Essas afrontas s~ao descritas como acidentes fatais. Boa gente, os alem~aes! E pensar que eu j’a fui alem~a! N~ao, Hitler tirou nossa nacionalidade h’a muito tempo. Na verdade, alem~aes e judeus s~ao os maiores inimigos do mundo. Sua Anne. Sextafeira, 16 de outubro de 1942 Querida Kitty Tenho andado ocupad’issima. Acabo de traduzir um cap’itulo de La belle nivernaise, anotando as palavras novas. Depois tive de resolver um problema de matem’atica e, mais, estudar três p’aginas de gram’atica francesa. Recusome terminantemente a resolver problemas de matem’atica todos os dias. Papai concorda em que s~ao repelentes. Sou quase melhor em matem’atica do que ele. A verdade ‘e que nenhum de n’os sabe grande coisa e muitas vezes temos que recorrer a Margot. Para compensar, de n’os três, a mais adiantada em estenografia sou eu. Ontem terminei de ler O assalto. ‘E muito divertido, mas n~ao chega aos p’es de Joop ter Heul. Na minha opini~ao, Cissy van Marxveldt ‘e uma escritora de primeira, e j’a resolvi que vou dar seus livros para meus filhos lerem. Mam~ae, Margot e eu estamos carneeunha outra vez. Assim ‘e melhor. Margot e eu dormimos na mesma cama, a noite passada. Estava apertad’issimo, mas por isso mesmo ‘e que foi divertido. Ela me perguntou se poderia ler meu di’ario. Respondilhe que sim, pelo menos uns pedacinhos. Perguntei se poderia ler o dela, e ela respondeu que sim. Falamos ent~ao sobre o futuro. Pergunteilhe o que ela queria ser. Ela n~ao disse e at’e fez grande segredo, mas eu percebi que era algo relacionado com ensino. N~ao tenho certeza absoluta, mas acho que adivinhei. Francamente, eu n~ao deveria ser t~ao curiosa! Hoje de manh~a deiteime na cama de Peter, depois de o haver enxotado. Ele ficou furioso, mas pouco me importei. Bem que ele podia ser mais camarada, para variar. Afinal, ainda ontem eu dei a ele uma ma’c~a. Perguntei a Margot se me achava feia. Ela disse que eu era bastante atraente e que tinha olhos bonitos. Muito vago, n~ao acha? At’e a pr’oxima. Sua Anne. Ter’cafeira, 20 de outubro de 1942 Querida Kitty J’a faz mais de duas horas que tomamos o susto, e at’e agora minhas m~aos est~ao tremendo. Antes, devo explicar que no pr’edio existem cinco extintores de incêndio e que sab’iamos que algu’em viria recarreg’alos. S’o n~ao sab’iamos a data em que o carpinteiro, ou coisa que o valha viria. O fato ‘e que n~ao est’avamos preocupados em fazer silêncio at’e que ouvimos marteladas l’a fora, no patamar, em frente `a porta do nosso arm’ario. Pensei imediatamente no carpinteiro e avisei Elli, que estava almo’cando conosco, que n~ao descesse. Papai e eu nos postamos um em cada lado da porta, para escutar quando o homem fosse embora. Ap’os ter trabalhado durante uns quinze minutos, ele pousou o martelo e outros utens’ilios em cima de nossa estante (pelo menos assim nos pareceu) e bateu em nossa porta. Ficamos l’ividos. Talvez ele tivesse ouvido alguma coisa e quisesse investigar. S’o podia ser isso. Continuaram as batidas, os pux~oes, os arrancos. Quase desmaiei s’o em pensar que aquele estranho poderia descobrir nosso belo esconderijo. E, justamente quando pensei j’a ter soado minha ‘ultima hora, ouvi a voz do sr. Koophuis: Abram essa porta, sou eu! Abrimos imediatamente. O trinco que prende a estante, que s’o pode ser aberto por quem conhece o segredo, havia engui’cado. Por isso, ningu’em tinha podido nos prevenir a respeito do carpinteiro. O homem j’a havia ido embora, e Koophuis viera buscar Elli, mas n~ao conseguira abrir. Nem consigo lhe dizer o al’ivio que senti. Em minha imagina’c~ao, aquele homem que queria invadir nosso esconderijo come’cara a crescer e se tornara um gigante, o maior fascista que j’a houve na face da terra. Ainda bem que tudo se resolveu da melhor maneira. Por outro lado, divertimonos `a be’ca na segundafeira. Miep e Henk dormiram aqui. Margot e eu fomos dormir no quarto de mam~ae e papai, cedendo nosso quarto aos Van Santens. O jantar estava delicioso. Houve uma pequena interrup’c~ao: queimou um fus’ivel, e, de repente, ficamos no escuro. Que fazer? Havia alguns fus’iveis na casa, mas a caixa estava guardada l’a no quartinho escuro onde armazenamos tudo nada f’acil de encontrar, principalmente no escuro. Mesmo assim, os homens se aventuraram, e, dez minutos depois, pudemos apagar as velas. Hoje levanteime cedo. Henk precisava sair `as oito e meia. Depois do caf’e, que foi agrad’avel, Miep desceu. Estava chovendo muito, e ela gostou de n~ao ter que ir pedalando para o escrit’orio. Na pr’oxima semana ‘e Elli que vem passar a noite conosco. Sua Anne. Quintafeira, 29 de outubro de 1942 Querida Kitty Estou preocupad’issima. Papai est’a doente. Est’a com febre alta e uma erup’c~ao vermelha que parece sarampo. Imagine você! Nem m’edico podemos chamar! Mam~ae est’a lhe dando um bom suador. Talvez, depois disso, a temperatura baixe. Esta manh~a Miep contou que retiraram toda a mob’ilia da casa dos Van Daan. Ela j’a anda que ‘e uma pilha de nervos, e n~ao estamos com a menor disposi’c~ao de ouvir novos lamentos pela linda lou’ca e as preciosas cadeiras que deixou em casa. N’os tamb’em tivemos que deixar coisas lindas. Mas de que adiantam queixas e lamenta’c~oes agora? Ultimamente tenho tido permiss~ao para ler mais livros de gente grande. No momento, estou lendo Evas youth, de Nico van Suchtelen. N~ao vejo grande diferen’ca entre este livro e os romances ‘aguacoma’c’ucar para mocinhas. ‘E verdade que h’a trechos sobre mulheres que se vendem a homens desconhecidos em ruas duvidosas. Cobram um dinheir~ao. Eu morreria de vergonha se me acontecesse uma coisa dessas. No livro tamb’em fala que Eva tem um per’iodo mensal. Estou doida para ter um tamb’em; parece ser t~ao importante! Papai retirou da estante grande as obras de Goethe e Schiller. Vai ler todas as noites para mim. Come’camos com Dom Carlos. Seguindo o bom exemplo de papai, mam~ae entregoume seu livro de ora’c~oes. S’o por obriga’c~ao, li algumas em alem~ao. S~ao lindas, mas n~ao me dizem grande coisa. Por que me obriga a ser piedosa s’o para agradarlhe? Amanh~a acenderemos a lareira pela primeira vez. Creio que a fuma’ca vai nos sufocar. Ningu’em limpa aquela chamin’e h’a anos. Esperemos que funcione. Sua Anne. S’abado, 7 de novembro de 1942 Querida Kitty Mam~ae anda tremendamente irritada, e isso, em geral, significa maus momentos para mim. Ser’a por puro acaso que papai e mam~ae jamais censuram Margot e caem em cima de mim por tudo e por nada? Veja o que aconteceu ontem `a noite, por exemplo: Margot estava lendo um livro com figuras lindas. A certa altura, levantouse e subiu. Como eu n~ao estava fazendo nada, peguei o livro e comecei a ver as figuras. Ao voltar, Margot viu em minhas m~aos o seu livro. Franziu a testa, aborrecida, e quis o livro de volta. S’o porque eu quis ficar vendo mais um pouquinho, Margot foi ficando cada vez mais zangada. Foi a’i que mam~ae entrou na hist’oria. Devolva o livro. Margot ‘e que estava lendo. Papai chegou e, sem saber de que se tratava, s’o de ver aquele ar infeliz na cara de Margot, desabou sobre mim: Queria saber como você reagiria se Margot fosse mexer em um de seus livros! Larguei o livro imediatamente e sa’i da sala ofendida, pensavam eles. S’o que eu n~ao estava ofendida nem zangada, apenas infeliz. Fora injusto da parte de papai tomar partido sem conhecimento de causa. Eu mesma teria devolvido o livro a Margot mais cedo se mam~ae e papai n~ao tivessem interferido, mas foram logo tomando as dores de Margot como se ela estivesse sendo v’itima de uma grande injusti’ca. ‘E claro que mam~ae ficaria do lado de Margot. Elas s~ao insepar’aveis. J’a me acostumei tanto com isso que nem ligo mais aos ralhos de mam~ae ou aos maus humores de Margot. Gosto das duas, mas s’o porque s~ao mam~ae e Margot. Com papai ‘e diferente. Se ele aponta Margot como exemplo, se aprova o que ela faz, se a elogia e lhe agrada, fico me roendo por dentro, porque adoro papai. Consideroo o homem ideal. N~ao amo ningu’em no mundo, s’o a ele. Ele nem repara que trata Margot de modo diferente. Ora, eu sei que Margot ‘e a menina mais linda, mais meiga e mais encantadora do mundo, mas nem por isso deixo de sentir que eu tamb’em tenho o direito de ser levada a s’erio. Sempre fui a boba, a desprezada da fam’ilia. Sempre tive que pagar em dobro pelas coisas que fa’co, primeiro com as broncas que levo e, depois, por causa de meus sentimentos, que ficam t~ao magoados. Pois bem, n~ao estou nada satisfeita com esse favoritismo. Quero de papai algo que ele n~ao me pode dar. N~ao tenho ci’umes de Margot. Nunca tive. N~ao invejo seus bons modos, sua beleza. ‘E que eu preciso, e muito, do amor verdadeiro de papai. N~ao s’o por ser filha dele, mas por mim mesma, por mim, Anne. Apegome a papai porque ‘e a ‘unica liga’c~ao sentimental que tenho com a fam’ilia. Ele parece n~ao compreender que eu, `as vezes, preciso desabafar minhas m’agoas contra mam~ae. N~ao quer falar sobre isso e evita todo assunto que o obrigue a pronunciarse sobre as faltas de mam~ae. No entanto, s~ao os defeitos de mam~ae o que mais me custa aturar. N~ao sei como abafar meus sentimentos. N~ao posso estar sempre chamando a aten’c~ao para seu desmazelo, suas ironias e sua falta de carinho. Tamb’em n~ao posso acreditar que a culpa seja sempre minha. Somos diferentes em tudo. ‘E natural, portanto, que entremos em choque. N~ao posso julgar o car’ater de mam~ae. Eu apenas a vejo como m~ae, e ‘e justamente isso que ela n~ao consegue ser para mim. Sou obrigada a ser minha pr’opria m~ae. Afasteime de todos. Eu mesma tomarei o leme de minha vida e, mais tarde, procurarei onde aportar. Tudo isso veio `a tona, principalmente, porque formei uma imagem dentro de minha cabe’ca, a imagem do que chamar de m~ae, e mam~ae n~ao tem a menor semelhan’ca com a imagem formada. Estou sempre me prometendo n~ao reparar no lado mau de mam~ae. Quero ver apenas seu lado bom e procurar em mim mesma o que n~ao encontro nela. Tudo in’util. E o pior de tudo ‘e que papai e mam~ae n~ao se apercebem desse problema em minha vida, e eu os censuro muito por isso. Gostaria de saber se algu’em j’a conseguiu dar felicidade completa aos filhos. `As vezes, penso que Deus est’a me pondo `a prova; preciso tornarme boa atrav’es de meus pr’oprios esfor’cos, sem exemplos nem bons conselhos. Assim, no futuro, serei mais forte. Quem, al’em de mim mesma, ler’a estas cartas? Quem me confortar’a sen~ao eu mesma? Preciso muito de conforto, freqüentemente sintome fraca e descontente comigo. Minhas deficiências s~ao grandes demais. Eu sei disso e a cada dia que passa procuro melhorar. A maneira como me tratam ‘e variad’issima. Um dia Anne ‘e t~ao sensata que permitem que saiba de tudo; no dia seguinte, ou’co dizer que Anne n~ao passa de uma cabritinha estouvada que n~ao sabe nada e pensa que aprendeu maravilhas nos livros. N~ao sou mais nenhum bebê ou criancinha mimada, para que riam do que eu digo ou penso. Tenho meus pr’oprios pontos de vista, planos, e id’eias, embora ainda n~ao consiga express’alos em palavras. Oh, quanta coisa ferve dentro de mim, enquanto fico deitada na cama, tendo de aturar gente que n~ao suporto e que sempre interpreta mal minhas inten’c~oes. Eis por que, no final, acabo sempre voltando para este meu di’ario. Aqui come’co e aqui termino, porque Kitty est’a sempre disposta a ouvirme. Vou prometerlhe que hei de perseverar, apesar de tudo, hei de encontrar meu pr’oprio caminho e engolir minhas l’agrimas. S’o desejaria poder ver os resultados e tamb’em que, de vez em quando, uma pessoa que gostasse de mim me animasse e encorajasse. N~ao me condene; em vez disso, lembrese de que eu tamb’em, muitas vezes, fico a ponto de explodir. Sua Anne. Segundafeira, 9 de novembro de 1942 Querida Kitty Ontem foi o anivers’ario de Peter. Fez dezesseis anos. Ganhou alguns presentes interessantes, entre os quais um jogo de Monop’olio, uma navalha e um isqueiro. N~ao que ele fume muito; s’o fuma para se exibir. A maior surpresa foi dada pelo sr. Van Daan ao anunciar, `a uma hora, que os ingleses haviam desembarcado na Tun’isia, Arg’elia, Casablanca e Oran. Este ‘e o come’co do fim diziam todos, mas Churchill, o primeiroministro britânico, que provavelmente ouvira o mesmo em Londres, disse: Isto n~ao ‘e o fim. Nem mesmo ‘e o come’co do fim. ‘E talvez o fim do come’co. Você percebe a diferen’ca? ‘E claro que h’a raz~ao para otimismo. A cidade russa de Stalingrado, que h’a três meses est’a se defendendo, ainda n~ao caiu nas m~aos dos alem~aes. Mas voltemos aos neg’ocios do nosso esconderijo. Preciso contarlhe algo sobre nossas reservas de alimentos. Como sabe, temos uns verdadeiros glut~oes morando no andar superior. Compramos nosso p~ao de um ‘otimo padeiro, amigo do sr. Koophuis. Naturalmente n~ao ‘e tanto quanto o que receb’iamos em casa, mas d’a para o gasto. Tamb’em compramos, ilegalmente, quatro cart~oes de racionamento. O pre’co sobe a cada dia; custam agora trinta e três florins em vez de dois, como antigamente. ‘E um bocado de dinheiro por um pedacinho de papel impresso! Para ter em casa, de reserva, algo dur’avel, al’em das cento e cinqüenta latas de legumes, compramos cento e vinte quilos de ervilhas secas e feij~ao. Nem tudo ‘e para n’os; parte vai para o pessoal do escrit’orio. Tudo costumava ficar guardado no pequeno corredor (o da porta escondida), em sacos pendurados em ganchos. Por causa do peso, alguns dos sacos rebentaram nas costuras. Decidimos que seria mais conveniente guardar nosso estoque de inverno no s’ot~ao. Peter ficou encarregado de levar tudo para cima. Ele j’a tinha conseguido transportar cinco sacos intactos quando arrebentou a costura do sexto, no topo da escada, fazendo desabar uma verdadeira tempestade de feij~ao. Era como que uma enxurrada descendo escada abaixo. Havia no saco uns vinte e cinco quilos, e o barulho dava at’e para acordar os mortos. O pessoal l’a embaixo pensou que a casa estivesse desabando sobre suas cabe’cas com tudo o que continha. (Gra’cas a Deus n~ao havia estranhos na casa.) Por um momento, Peter ficou apavorado. Logo, por’em, ria `as gargalhadas, especialmente quando me viu l’a embaixo da escada, uma pequena ilha cercada de feij~oes por todos os lados! Na realidade, eu estava enterrada at’e os tornozelos, num mar de feij~ao. Logo procuramos recolher tudo aquilo, mas feij~ao ‘e coisa pequena e escorregadia, que se mete por tudo quanto ‘e canto e buraquinho. Agora, todas as vezes que algu’em desce a escada, abaixase uma vez ou duas `a cata de feij~ao, apresentando um punhado deles `a sra. Van Daan. Esqueci de lhe contar que papai est’a quase bom. Sua Anne. P. S. Acabamos de ouvir pelo r’adio que a Arg’elia capitulou. Marrocos, Casablanca e Oran estiveram nas m~aos dos ingleses por v’arios dias. Agora estamos esperando pela Tun’isia. Ter’cafeira, 10 de novembro de 1942 Querida Kitty Grandes novidades vamos receber um oitavo h’ospede. ‘E verdade, sim! Sempre achamos que havia lugar e comida suficiente para mais um. S’o tem’iamos causar mais transtornos a Koophuis e a Kraler. Ouvindo hist’orias cada vez mais atrozes sobre os judeus, papai foi falar com os dois que podiam decidir, e eles acharam a id’eia excelente. Tanto era perigoso para sete como para oito. Uma vez decidido, percorremos nossos c’irculos de amizades procurando algu’em que fosse sozinho e que se adaptasse a nossa fam’ilia. N~ao foi dif’icil descobrir algu’em. Depois de papai ter recusado qualquer membro da fam’ilia dos Van Daan, a escolha recaiu sobre um dentista chamado Albert Dussel, cuja esposa tivera a sorte suficiente de estar fora do pa’is por ocasi~ao da declara’c~ao da guerra. Dizem que ‘e pessoa sossegada e, tanto quanto se pode julgar por um conhecimento superficial, ambas as fam’ilias acreditam que ‘e um homem de f’acil conv’ivio. Miep tamb’em o conhece e vai arranjar as coisas para que ele possa vir morar conosco. Se vier, ter’a de dormir no meu quarto, no lugar de Margot, que usar’a a cama de armar. Sua Anne. Quintafeira, 12 de novembro de 1942 Querida Kitty Dussel ficou muito contente quando Miep lhe disse que havia arranjado um esconderijo para ele. Ela insistiu em que ele viesse o mais cedo poss’ivel, de preferência no s’abado. Ele disse que talvez fosse improv’avel que viesse no s’abado, pois antes precisava pôr em dia seu fich’ario, atender alguns clientes e pagar as contas. Miep contounos isso hoje de manh~a, e achamos imprudente da parte dele adiar a vinda. Todos esses preparativos v~ao exigir explica’c~oes a muita gente que seria melhor conservar afastada. Miep vai falar com ele novamente, para tentar convencêlo a vir s’abado. Dussel disse que n~ao. Vem mesmo na segundafeira. Acho uma idiotice ele n~ao agarrar esta oportunidade com a maior rapidez. Se for apanhado l’a fora, por acaso vai ter tempo de pôr fich’arios em dia, pagar contas ou atender clientes? Para que esperar? Papai n~ao devia ter cedido. Por hoje, mais nada de novo. Sua Anne. Ter’cafeira, 17 de novembro de 1942 Querida Kitty Dussel chegou. Tudo correu bem. Miep lhe havia dito que esperasse em um determinado local, defronte ao Correio, `as onze horas, onde um homem o iria encontrar. Na hora exata, l’a estava Dussel. O sr. Koophuis, que tamb’em conhece Dussel, foilhe ao encontro e lhe disse que o cavalheiro n~ao pudera vir, mas perguntoulhe se n~ao queria dar uma chegada at’e o escrit’orio para falar com Miep. Koophuis tomou um bonde e dirigiuse para o escrit’orio, enquanto Dussel seguiu a p’e. `As onze horas e vinte minutos, batia `a porta do escrit’orio. Miep ajudouo a tirar o sobretudo, de modo que a estrela amarela n~ao ficasse vis’ivel, e o conduziu ao escrit’orio particular, onde Koophuis manteve com ele uma conversa cordial at’e que a faxineira se retirou. Ent~ao, sob o pretexto de que o escrit’orio particular ia ser necess’ario para qualquer coisa, Miep subiu com Dussel, abriu a estante m’ovel e entrou sob o olhar bestificado de Dussel. L’a em cima, est’avamos `a espera com caf’e e conhaque para saudar o rec’emchegado. Miep fêlo entrar antes na sala. Ele, imediatamente, reconheceu a mob’ilia, mas n~ao tinha a mais vaga id’eia de que est’avamos ali, bem em cima de sua cabe’ca. Quando Miep lhe contou, ele quase desmaiou de surpresa. Felizmente, Miep n~ao lhe deu tempo para isso, levandoo imediatamente para cima. Dussel deixouse cair em uma cadeira, sem fala, e ficou ali parado, olhando para n’os, como se n~ao estivesse entendendo nada. Passado algum tempo gaguejou: Mas aber sind vocês n~ao est~ao na B’elgica? Ist der Militar n~ao veio? Das Auto, a fuga si nicht foi bem sucedida? Explicamos que a hist’oria dos carros militares fora espalhada por n’os mesmos para despistar os outros, especialmente os alem~aes, no caso de tentarem localizarnos. Dussel, novamente, n~ao soube o que dizer diante de tanta esperteza, e, ao examinar com mais cuidado nosso superpr’atico e ao mesmo tempo um tanto sofisticado Anexo Secreto, n~ao continha a admira’c~ao. Almo’camos juntos. Depois, ele foi descansar um pouco, voltando na hora do ch’a. Arrumou suas coisas, que Miep havia trazido antes, e come’cou a sentirse mais `a vontade, principalmente quando recebeu as Regras do Anexo Secreto (cria’c~ao dos Van Daan). Prospecto e Guia do Anexo Secreto Institui’c~ao especial para residência tempor’aria de judeus e similares Aberta o ano inteiro Bela, silenciosa, n~ao rodeada de bosques, bem no cora’c~ao de Amsterdam. Condu’c~ao: bondes 15 e 17, autom’ovel e bicicleta. No caso especial de os alem~aes proibirem o uso de transportes, podese vir a p’e. Comida e dormida De gra’ca. Dieta especial, sem gordura. ‘Agua corrente No banheiro (sem banho, infelizmente) e em v’arias paredes internas e externas. Espa’cosa sala de armazenamento Para qualquer tipo de mercadoria. Centro de r’adio Comunica’c~ao direta com Londres, Nova York, TelAviv e v’arias outras esta’c~oes. O aparelho s’o pode ser utilizado pelos residentes depois das seis da tarde. Todas as esta’c~oes s~ao permitidas. As alem~as, ‘e claro, s’o em casos especiais, como m’usica cl’assica, etc. Hora de descanso Das dez da noite `as sete e meia da manh~a. Aos domingos, dez e quinze. Os residentes podem descansar durante o dia, quando as condi’c~oes o permitirem e segundo indica’c~oes dos diretores. Por raz~oes de seguran’ca, as horas de descanso devem ser estritamente observadas. F’erias (fora da institui’c~ao) Adiadas indefinidamente. Como falar Obrigatoriedade de falar baixo o tempo todo. Todo idioma civilizado ‘e permitido, portanto, nada de alem~ao. Aulas Uma aula de estenografia por semana. Inglês, francês, matem’atica e hist’oria, todos os dias. Animais de estima’c~ao Departamento especial (‘e necess’aria uma licen’ca). Bom tratamento, exceto aos insetos nocivos. Hor’ario de refei’c~oes Caf’e da manh~a, diariamente, exceto aos domingos e feriados banc’arios, `as nove. Domingos e feriados, `as onze e meia, aproximadamente. Almo’co (n~ao muito lauto) Das onze e quinze `as quinze para as duas. Jantar (frio e/ou quente) Sem hor’ario fixo, dependendo do notici’ario radiofônico. Deveres Os residentes devem estar sempre prontos a ajudar o pessoal do escrit’orio. Banhos A tina est’a `a disposi’c~ao dos residentes aos domingos, de nove horas em diante. Podese usar o WC, a cozinha, o escrit’orio particular ou o escrit’orio geral, `a escolha. Bebidas alco’olicas S’o com receita m’edica.

Querida Kitty Ontem houve outro barulho. Mam~ae armou um banz’e dos diabos dizendo a papai tudo o que pensava a meu respeito. Depois, teve uma crise de choro, e ‘e claro que eu tamb’em desatei em l’agrimas. De qualquer forma, fiquei com uma terr’ivel dor de cabe’ca. No final, eu disse a papai que gostava muito mais dele do que dela, e ele respondeu que isso ia passar. N~ao acredito que passe. Com mam~ae tenho de me controlar para n~ao perder a calma. Papai quer que eu, `as vezes, me ofere’ca para ajudar mam~ae, quando ela n~ao est’a passando bem ou est’a com dor de cabe’ca. Mas n~ao vou fazer isso. Estou estudando francês um bocado, e agora estou lendo La belle nivernaise. Sua Anne. Sextafeira, 9 de outubro de 1942 Querida Kitty Hoje s’o tenho not’icias tristes e deprimentes para lhe contar. Nossos amigos judeus est~ao sendo levados embora `as d’uzias. Essa gente est’a sendo tratada pela Gestapo sem um m’inimo de decência. S~ao amontoados em vag~oes de gado e enviados para Westerbork, o grande campo de concentra’c~ao para judeus, em Drente. Westerbork parece ser terr’ivel: um ‘unico lavat’orio para centenas de pessoas e muito poucas privadas. N~ao h’a acomoda’c~oes separadas para homens e mulheres, e todos têm que dormir juntos. Dizem que h’a muita imoralidade por causa disso, e muitas mulheres e at’e mocinhas obrigadas a ficar l’a por muito tempo ficam esperando bebê. Fugir ‘e imposs’ivel; os internados ficam marcados pela sua cabe’ca raspada ou pela sua aparência judia. Se ‘e t~ao ruim na Holanda, imagine o que n~ao ser’a nas regi~oes b’arbaras e distantes para onde s~ao enviados? Sabemos que a maioria ‘e assassinada. A r’adio inglesa fala de morte em câmaras de g’as. Talvez esse seja o meio mais r’apido de morrer. Estou terrivelmente nervosa. Mas eu n~ao conseguia desgrudar da sala enquanto Miep contava essas coisas horr’iveis. Ela tamb’em est’a muito perturbada com tudo isso. H’a pouco tempo, por exemplo, uma pobre judia, velha e aleijada, estava sentada `a sua porta. Os homens da Gestapo lhe haviam ordenado que n~ao sa’isse dali at’e que um carro a fosse apanhar. A pobre infeliz estava aterrorizada pelas bombas que as baterias antia’ereas atiravam contra os avi~oes ingleses e pelos poderosos fachos de luz dos refletores. Mas Miep n~ao se atreveu a mand’ala entrar; ningu’em correria esse risco. Os alem~aes atacam sem a menor piedade. Elli tamb’em est’a muito quieta. Seu namorado teve de partir para a Alemanha. Ela teme que os aviadores que sobrevoam nossas casas deixem cair suas bombas algumas delas chegam a pesar um milh~ao de quilos na cabe’ca de Dirk. Dizer piadas como n~ao ‘e prov’avel que ele ganhe um milh~ao ou uma bomba s’o ‘e suficiente ‘e brincadeira de muito mau gosto. A verdade ‘e que Dirk n~ao foi o ‘unico que teve de partir. Trens abarrotados de rapazes partem diariamente. `As vezes, ao pararem em alguma pequena esta’c~ao no meio do caminho, uns poucos conseguem fugir. Infelizmente ainda n~ao terminei com as m’as not’icias. Você j’a ouviu falar em ref’ens? N~ao posso imaginar nada mais horr’ivel. Cidad~aos not’orios gente inocente s~ao atirados na pris~ao `a espera do seu destino. Se o sabotador n~ao for encontrado, a Gestapo simplesmente fuzila cinco ref’ens. As not’icias dessas mortes aparecem freqüentemente nos jornais. Essas afrontas s~ao descritas como acidentes fatais. Boa gente, os alem~aes! E pensar que eu j’a fui alem~a! N~ao, Hitler tirou nossa nacionalidade h’a muito tempo. Na verdade, alem~aes e judeus s~ao os maiores inimigos do mundo. Sua Anne. Sextafeira, 16 de outubro de 1942 Querida Kitty Tenho andado ocupad’issima. Acabo de traduzir um cap’itulo de La belle nivernaise, anotando as palavras novas. Depois tive de resolver um problema de matem’atica e, mais, estudar três p’aginas de gram’atica francesa. Recusome terminantemente a resolver problemas de matem’atica todos os dias. Papai concorda em que s~ao repelentes. Sou quase melhor em matem’atica do que ele. A verdade ‘e que nenhum de n’os sabe grande coisa e muitas vezes temos que recorrer a Margot. Para compensar, de n’os três, a mais adiantada em estenografia sou eu. Ontem terminei de ler O assalto. ‘E muito divertido, mas n~ao chega aos p’es de Joop ter Heul. Na minha opini~ao, Cissy van Marxveldt ‘e uma escritora de primeira, e j’a resolvi que vou dar seus livros para meus filhos lerem. Mam~ae, Margot e eu estamos carneeunha outra vez. Assim ‘e melhor. Margot e eu dormimos na mesma cama, a noite passada. Estava apertad’issimo, mas por isso mesmo ‘e que foi divertido. Ela me perguntou se poderia ler meu di’ario. Respondilhe que sim, pelo menos uns pedacinhos. Perguntei se poderia ler o dela, e ela respondeu que sim. Falamos ent~ao sobre o futuro. Pergunteilhe o que ela queria ser. Ela n~ao disse e at’e fez grande segredo, mas eu percebi que era algo relacionado com ensino. N~ao tenho certeza absoluta, mas acho que adivinhei. Francamente, eu n~ao deveria ser t~ao curiosa! Hoje de manh~a deiteime na cama de Peter, depois de o haver enxotado. Ele ficou furioso, mas pouco me importei. Bem que ele podia ser mais camarada, para variar. Afinal, ainda ontem eu dei a ele uma ma’c~a. Perguntei a Margot se me achava feia. Ela disse que eu era bastante atraente e que tinha olhos bonitos. Muito vago, n~ao acha? At’e a pr’oxima. Sua Anne. Ter’cafeira, 20 de outubro de 1942 Querida Kitty J’a faz mais de duas horas que tomamos o susto, e at’e agora minhas m~aos est~ao tremendo. Antes, devo explicar que no pr’edio existem cinco extintores de incêndio e que sab’iamos que algu’em viria recarreg’alos. S’o n~ao sab’iamos a data em que o carpinteiro, ou coisa que o valha viria. O fato ‘e que n~ao est’avamos preocupados em fazer silêncio at’e que ouvimos marteladas l’a fora, no patamar, em frente `a porta do nosso arm’ario. Pensei imediatamente no carpinteiro e avisei Elli, que estava almo’cando conosco, que n~ao descesse. Papai e eu nos postamos um em cada lado da porta, para escutar quando o homem fosse embora. Ap’os ter trabalhado durante uns quinze minutos, ele pousou o martelo e outros utens’ilios em cima de nossa estante (pelo menos assim nos pareceu) e bateu em nossa porta. Ficamos l’ividos. Talvez ele tivesse ouvido alguma coisa e quisesse investigar. S’o podia ser isso. Continuaram as batidas, os pux~oes, os arrancos. Quase desmaiei s’o em pensar que aquele estranho poderia descobrir nosso belo esconderijo. E, justamente quando pensei j’a ter soado minha ‘ultima hora, ouvi a voz do sr. Koophuis: Abram essa porta, sou eu! Abrimos imediatamente. O trinco que prende a estante, que s’o pode ser aberto por quem conhece o segredo, havia engui’cado. Por isso, ningu’em tinha podido nos prevenir a respeito do carpinteiro. O homem j’a havia ido embora, e Koophuis viera buscar Elli, mas n~ao conseguira abrir. Nem consigo lhe dizer o al’ivio que senti. Em minha imagina’c~ao, aquele homem que queria invadir nosso esconderijo come’cara a crescer e se tornara um gigante, o maior fascista que j’a houve na face da terra. Ainda bem que tudo se resolveu da melhor maneira. Por outro lado, divertimonos `a be’ca na segundafeira. Miep e Henk dormiram aqui. Margot e eu fomos dormir no quarto de mam~ae e papai, cedendo nosso quarto aos Van Santens. O jantar estava delicioso. Houve uma pequena interrup’c~ao: queimou um fus’ivel, e, de repente, ficamos no escuro. Que fazer? Havia alguns fus’iveis na casa, mas a caixa estava guardada l’a no quartinho escuro onde armazenamos tudo nada f’acil de encontrar, principalmente no escuro. Mesmo assim, os homens se aventuraram, e, dez minutos depois, pudemos apagar as velas. Hoje levanteime cedo. Henk precisava sair `as oito e meia. Depois do caf’e, que foi agrad’avel, Miep desceu. Estava chovendo muito, e ela gostou de n~ao ter que ir pedalando para o escrit’orio. Na pr’oxima semana ‘e Elli que vem passar a noite conosco. Sua Anne. Quintafeira, 29 de outubro de 1942 Querida Kitty Estou preocupad’issima. Papai est’a doente. Est’a com febre alta e uma erup’c~ao vermelha que parece sarampo. Imagine você! Nem m’edico podemos chamar! Mam~ae est’a lhe dando um bom suador. Talvez, depois disso, a temperatura baixe. Esta manh~a Miep contou que retiraram toda a mob’ilia da casa dos Van Daan. Ela j’a anda que ‘e uma pilha de nervos, e n~ao estamos com a menor disposi’c~ao de ouvir novos lamentos pela linda lou’ca e as preciosas cadeiras que deixou em casa. N’os tamb’em tivemos que deixar coisas lindas. Mas de que adiantam queixas e lamenta’c~oes agora? Ultimamente tenho tido permiss~ao para ler mais livros de gente grande. No momento, estou lendo Evas youth, de Nico van Suchtelen. N~ao vejo grande diferen’ca entre este livro e os romances ‘aguacoma’c’ucar para mocinhas. ‘E verdade que h’a trechos sobre mulheres que se vendem a homens desconhecidos em ruas duvidosas. Cobram um dinheir~ao. Eu morreria de vergonha se me acontecesse uma coisa dessas. No livro tamb’em fala que Eva tem um per’iodo mensal. Estou doida para ter um tamb’em; parece ser t~ao importante! Papai retirou da estante grande as obras de Goethe e Schiller. Vai ler todas as noites para mim. Come’camos com Dom Carlos. Seguindo o bom exemplo de papai, mam~ae entregoume seu livro de ora’c~oes. S’o por obriga’c~ao, li algumas em alem~ao. S~ao lindas, mas n~ao me dizem grande coisa. Por que me obriga a ser piedosa s’o para agradarlhe? Amanh~a acenderemos a lareira pela primeira vez. Creio que a fuma’ca vai nos sufocar. Ningu’em limpa aquela chamin’e h’a anos. Esperemos que funcione. Sua Anne. S’abado, 7 de novembro de 1942 Querida Kitty Mam~ae anda tremendamente irritada, e isso, em geral, significa maus momentos para mim. Ser’a por puro acaso que papai e mam~ae jamais censuram Margot e caem em cima de mim por tudo e por nada? Veja o que aconteceu ontem `a noite, por exemplo: Margot estava lendo um livro com figuras lindas. A certa altura, levantouse e subiu. Como eu n~ao estava fazendo nada, peguei o livro e comecei a ver as figuras. Ao voltar, Margot viu em minhas m~aos o seu livro. Franziu a testa, aborrecida, e quis o livro de volta. S’o porque eu quis ficar vendo mais um pouquinho, Margot foi ficando cada vez mais zangada. Foi a’i que mam~ae entrou na hist’oria. Devolva o livro. Margot ‘e que estava lendo. Papai chegou e, sem saber de que se tratava, s’o de ver aquele ar infeliz na cara de Margot, desabou sobre mim: Queria saber como você reagiria se Margot fosse mexer em um de seus livros! Larguei o livro imediatamente e sa’i da sala ofendida, pensavam eles. S’o que eu n~ao estava ofendida nem zangada, apenas infeliz. Fora injusto da parte de papai tomar partido sem conhecimento de causa. Eu mesma teria devolvido o livro a Margot mais cedo se mam~ae e papai n~ao tivessem interferido, mas foram logo tomando as dores de Margot como se ela estivesse sendo v’itima de uma grande injusti’ca. ‘E claro que mam~ae ficaria do lado de Margot. Elas s~ao insepar’aveis. J’a me acostumei tanto com isso que nem ligo mais aos ralhos de mam~ae ou aos maus humores de Margot. Gosto das duas, mas s’o porque s~ao mam~ae e Margot. Com papai ‘e diferente. Se ele aponta Margot como exemplo, se aprova o que ela faz, se a elogia e lhe agrada, fico me roendo por dentro, porque adoro papai. Consideroo o homem ideal. N~ao amo ningu’em no mundo, s’o a ele. Ele nem repara que trata Margot de modo diferente. Ora, eu sei que Margot ‘e a menina mais linda, mais meiga e mais encantadora do mundo, mas nem por isso deixo de sentir que eu tamb’em tenho o direito de ser levada a s’erio. Sempre fui a boba, a desprezada da fam’ilia. Sempre tive que pagar em dobro pelas coisas que fa’co, primeiro com as broncas que levo e, depois, por causa de meus sentimentos, que ficam t~ao magoados. Pois bem, n~ao estou nada satisfeita com esse favoritismo. Quero de papai algo que ele n~ao me pode dar. N~ao tenho ci’umes de Margot. Nunca tive. N~ao invejo seus bons modos, sua beleza. ‘E que eu preciso, e muito, do amor verdadeiro de papai. N~ao s’o por ser filha dele, mas por mim mesma, por mim, Anne. Apegome a papai porque ‘e a ‘unica liga’c~ao sentimental que tenho com a fam’ilia. Ele parece n~ao compreender que eu, `as vezes, preciso desabafar minhas m’agoas contra mam~ae. N~ao quer falar sobre isso e evita todo assunto que o obrigue a pronunciarse sobre as faltas de mam~ae. No entanto, s~ao os defeitos de mam~ae o que mais me custa aturar. N~ao sei como abafar meus sentimentos. N~ao posso estar sempre chamando a aten’c~ao para seu desmazelo, suas ironias e sua falta de carinho. Tamb’em n~ao posso acreditar que a culpa seja sempre minha. Somos diferentes em tudo. ‘E natural, portanto, que entremos em choque. N~ao posso julgar o car’ater de mam~ae. Eu apenas a vejo como m~ae, e ‘e justamente isso que ela n~ao consegue ser para mim. Sou obrigada a ser minha pr’opria m~ae. Afasteime de todos. Eu mesma tomarei o leme de minha vida e, mais tarde, procurarei onde aportar. Tudo isso veio `a tona, principalmente, porque formei uma imagem dentro de minha cabe’ca, a imagem do que chamar de m~ae, e mam~ae n~ao tem a menor semelhan’ca com a imagem formada. Estou sempre me prometendo n~ao reparar no lado mau de mam~ae. Quero ver apenas seu lado bom e procurar em mim mesma o que n~ao encontro nela. Tudo in’util. E o pior de tudo ‘e que papai e mam~ae n~ao se apercebem desse problema em minha vida, e eu os censuro muito por isso. Gostaria de saber se algu’em j’a conseguiu dar felicidade completa aos filhos. `As vezes, penso que Deus est’a me pondo `a prova; preciso tornarme boa atrav’es de meus pr’oprios esfor’cos, sem exemplos nem bons conselhos. Assim, no futuro, serei mais forte. Quem, al’em de mim mesma, ler’a estas cartas? Quem me confortar’a sen~ao eu mesma? Preciso muito de conforto, freqüentemente sintome fraca e descontente comigo. Minhas deficiências s~ao grandes demais. Eu sei disso e a cada dia que passa procuro melhorar. A maneira como me tratam ‘e variad’issima. Um dia Anne ‘e t~ao sensata que permitem que saiba de tudo; no dia seguinte, ou’co dizer que Anne n~ao passa de uma cabritinha estouvada que n~ao sabe nada e pensa que aprendeu maravilhas nos livros. N~ao sou mais nenhum bebê ou criancinha mimada, para que riam do que eu digo ou penso. Tenho meus pr’oprios pontos de vista, planos, e id’eias, embora ainda n~ao consiga express’alos em palavras. Oh, quanta coisa ferve dentro de mim, enquanto fico deitada na cama, tendo de aturar gente que n~ao suporto e que sempre interpreta mal minhas inten’c~oes. Eis por que, no final, acabo sempre voltando para este meu di’ario. Aqui come’co e aqui termino, porque Kitty est’a sempre disposta a ouvirme. Vou prometerlhe que hei de perseverar, apesar de tudo, hei de encontrar meu pr’oprio caminho e engolir minhas l’agrimas. S’o desejaria poder ver os resultados e tamb’em que, de vez em quando, uma pessoa que gostasse de mim me animasse e encorajasse. N~ao me condene; em vez disso, lembrese de que eu tamb’em, muitas vezes, fico a ponto de explodir. Sua Anne. Segundafeira, 9 de novembro de 1942 Querida Kitty Ontem foi o anivers’ario de Peter. Fez dezesseis anos. Ganhou alguns presentes interessantes, entre os quais um jogo de Monop’olio, uma navalha e um isqueiro. N~ao que ele fume muito; s’o fuma para se exibir. A maior surpresa foi dada pelo sr. Van Daan ao anunciar, `a uma hora, que os ingleses haviam desembarcado na Tun’isia, Arg’elia, Casablanca e Oran. Este ‘e o come’co do fim diziam todos, mas Churchill, o primeiroministro britânico, que provavelmente ouvira o mesmo em Londres, disse: Isto n~ao ‘e o fim. Nem mesmo ‘e o come’co do fim. ‘E talvez o fim do come’co. Você percebe a diferen’ca? ‘E claro que h’a raz~ao para otimismo. A cidade russa de Stalingrado, que h’a três meses est’a se defendendo, ainda n~ao caiu nas m~aos dos alem~aes. Mas voltemos aos neg’ocios do nosso esconderijo. Preciso contarlhe algo sobre nossas reservas de alimentos. Como sabe, temos uns verdadeiros glut~oes morando no andar superior. Compramos nosso p~ao de um ‘otimo padeiro, amigo do sr. Koophuis. Naturalmente n~ao ‘e tanto quanto o que receb’iamos em casa, mas d’a para o gasto. Tamb’em compramos, ilegalmente, quatro cart~oes de racionamento. O pre’co sobe a cada dia; custam agora trinta e três florins em vez de dois, como antigamente. ‘E um bocado de dinheiro por um pedacinho de papel impresso! Para ter em casa, de reserva, algo dur’avel, al’em das cento e cinqüenta latas de legumes, compramos cento e vinte quilos de ervilhas secas e feij~ao. Nem tudo ‘e para n’os; parte vai para o pessoal do escrit’orio. Tudo costumava ficar guardado no pequeno corredor (o da porta escondida), em sacos pendurados em ganchos. Por causa do peso, alguns dos sacos rebentaram nas costuras. Decidimos que seria mais conveniente guardar nosso estoque de inverno no s’ot~ao. Peter ficou encarregado de levar tudo para cima. Ele j’a tinha conseguido transportar cinco sacos intactos quando arrebentou a costura do sexto, no topo da escada, fazendo desabar uma verdadeira tempestade de feij~ao. Era como que uma enxurrada descendo escada abaixo. Havia no saco uns vinte e cinco quilos, e o barulho dava at’e para acordar os mortos. O pessoal l’a embaixo pensou que a casa estivesse desabando sobre suas cabe’cas com tudo o que continha. (Gra’cas a Deus n~ao havia estranhos na casa.) Por um momento, Peter ficou apavorado. Logo, por’em, ria `as gargalhadas, especialmente quando me viu l’a embaixo da escada, uma pequena ilha cercada de feij~oes por todos os lados! Na realidade, eu estava enterrada at’e os tornozelos, num mar de feij~ao. Logo procuramos recolher tudo aquilo, mas feij~ao ‘e coisa pequena e escorregadia, que se mete por tudo quanto ‘e canto e buraquinho. Agora, todas as vezes que algu’em desce a escada, abaixase uma vez ou duas `a cata de feij~ao, apresentando um punhado deles `a sra. Van Daan. Esqueci de lhe contar que papai est’a quase bom. Sua Anne. P. S. Acabamos de ouvir pelo r’adio que a Arg’elia capitulou. Marrocos, Casablanca e Oran estiveram nas m~aos dos ingleses por v’arios dias. Agora estamos esperando pela Tun’isia. Ter’cafeira, 10 de novembro de 1942 Querida Kitty Grandes novidades vamos receber um oitavo h’ospede. ‘E verdade, sim! Sempre achamos que havia lugar e comida suficiente para mais um. S’o tem’iamos causar mais transtornos a Koophuis e a Kraler. Ouvindo hist’orias cada vez mais atrozes sobre os judeus, papai foi falar com os dois que podiam decidir, e eles acharam a id’eia excelente. Tanto era perigoso para sete como para oito. Uma vez decidido, percorremos nossos c’irculos de amizades procurando algu’em que fosse sozinho e que se adaptasse a nossa fam’ilia. N~ao foi dif’icil descobrir algu’em. Depois de papai ter recusado qualquer membro da fam’ilia dos Van Daan, a escolha recaiu sobre um dentista chamado Albert Dussel, cuja esposa tivera a sorte suficiente de estar fora do pa’is por ocasi~ao da declara’c~ao da guerra. Dizem que ‘e pessoa sossegada e, tanto quanto se pode julgar por um conhecimento superficial, ambas as fam’ilias acreditam que ‘e um homem de f’acil conv’ivio. Miep tamb’em o conhece e vai arranjar as coisas para que ele possa vir morar conosco. Se vier, ter’a de dormir no meu quarto, no lugar de Margot, que usar’a a cama de armar. Sua Anne. Quintafeira, 12 de novembro de 1942 Querida Kitty Dussel ficou muito contente quando Miep lhe disse que havia arranjado um esconderijo para ele. Ela insistiu em que ele viesse o mais cedo poss’ivel, de preferência no s’abado. Ele disse que talvez fosse improv’avel que viesse no s’abado, pois antes precisava pôr em dia seu fich’ario, atender alguns clientes e pagar as contas. Miep contounos isso hoje de manh~a, e achamos imprudente da parte dele adiar a vinda. Todos esses preparativos v~ao exigir explica’c~oes a muita gente que seria melhor conservar afastada. Miep vai falar com ele novamente, para tentar convencêlo a vir s’abado. Dussel disse que n~ao. Vem mesmo na segundafeira. Acho uma idiotice ele n~ao agarrar esta oportunidade com a maior rapidez. Se for apanhado l’a fora, por acaso vai ter tempo de pôr fich’arios em dia, pagar contas ou atender clientes? Para que esperar? Papai n~ao devia ter cedido. Por hoje, mais nada de novo. Sua Anne. Ter’cafeira, 17 de novembro de 1942 Querida Kitty Dussel chegou. Tudo correu bem. Miep lhe havia dito que esperasse em um determinado local, defronte ao Correio, `as onze horas, onde um homem o iria encontrar. Na hora exata, l’a estava Dussel. O sr. Koophuis, que tamb’em conhece Dussel, foilhe ao encontro e lhe disse que o cavalheiro n~ao pudera vir, mas perguntoulhe se n~ao queria dar uma chegada at’e o escrit’orio para falar com Miep. Koophuis tomou um bonde e dirigiuse para o escrit’orio, enquanto Dussel seguiu a p’e. `As onze horas e vinte minutos, batia `a porta do escrit’orio. Miep ajudouo a tirar o sobretudo, de modo que a estrela amarela n~ao ficasse vis’ivel, e o conduziu ao escrit’orio particular, onde Koophuis manteve com ele uma conversa cordial at’e que a faxineira se retirou. Ent~ao, sob o pretexto de que o escrit’orio particular ia ser necess’ario para qualquer coisa, Miep subiu com Dussel, abriu a estante m’ovel e entrou sob o olhar bestificado de Dussel. L’a em cima, est’avamos `a espera com caf’e e conhaque para saudar o rec’emchegado. Miep fêlo entrar antes na sala. Ele, imediatamente, reconheceu a mob’ilia, mas n~ao tinha a mais vaga id’eia de que est’avamos ali, bem em cima de sua cabe’ca. Quando Miep lhe contou, ele quase desmaiou de surpresa. Felizmente, Miep n~ao lhe deu tempo para isso, levandoo imediatamente para cima. Dussel deixouse cair em uma cadeira, sem fala, e ficou ali parado, olhando para n’os, como se n~ao estivesse entendendo nada. Passado algum tempo gaguejou: Mas aber sind vocês n~ao est~ao na B’elgica? Ist der Militar n~ao veio? Das Auto, a fuga si nicht foi bem sucedida? Explicamos que a hist’oria dos carros militares fora espalhada por n’os mesmos para despistar os outros, especialmente os alem~aes, no caso de tentarem localizarnos. Dussel, novamente, n~ao soube o que dizer diante de tanta esperteza, e, ao examinar com mais cuidado nosso superpr’atico e ao mesmo tempo um tanto sofisticado Anexo Secreto, n~ao continha a admira’c~ao. Almo’camos juntos. Depois, ele foi descansar um pouco, voltando na hora do ch’a. Arrumou suas coisas, que Miep havia trazido antes, e come’cou a sentirse mais `a vontade, principalmente quando recebeu as Regras do Anexo Secreto (cria’c~ao dos Van Daan). Prospecto e Guia do Anexo Secreto Institui’c~ao especial para residência tempor’aria de judeus e similares Aberta o ano inteiro Bela, silenciosa, n~ao rodeada de bosques, bem no cora’c~ao de Amsterdam. Condu’c~ao: bondes 15 e 17, autom’ovel e bicicleta. No caso especial de os alem~aes proibirem o uso de transportes, podese vir a p’e. Comida e dormida De gra’ca. Dieta especial, sem gordura. ‘Agua corrente No banheiro (sem banho, infelizmente) e em v’arias paredes internas e externas. Espa’cosa sala de armazenamento Para qualquer tipo de mercadoria. Centro de r’adio Comunica’c~ao direta com Londres, Nova York, TelAviv e v’arias outras esta’c~oes. O aparelho s’o pode ser utilizado pelos residentes depois das seis da tarde. Todas as esta’c~oes s~ao permitidas. As alem~as, ‘e claro, s’o em casos especiais, como m’usica cl’assica, etc. Hora de descanso Das dez da noite `as sete e meia da manh~a. Aos domingos, dez e quinze. Os residentes podem descansar durante o dia, quando as condi’c~oes o permitirem e segundo indica’c~oes dos diretores. Por raz~oes de seguran’ca, as horas de descanso devem ser estritamente observadas. F’erias (fora da institui’c~ao) Adiadas indefinidamente. Como falar Obrigatoriedade de falar baixo o tempo todo. Todo idioma civilizado ‘e permitido, portanto, nada de alem~ao. Aulas Uma aula de estenografia por semana. Inglês, francês, matem’atica e hist’oria, todos os dias. Animais de estima’c~ao Departamento especial (‘e necess’aria uma licen’ca). Bom tratamento, exceto aos insetos nocivos. Hor’ario de refei’c~oes Caf’e da manh~a, diariamente, exceto aos domingos e feriados banc’arios, `as nove. Domingos e feriados, `as onze e meia, aproximadamente. Almo’co (n~ao muito lauto) Das onze e quinze `as quinze para as duas. Jantar (frio e/ou quente) Sem hor’ario fixo, dependendo do notici’ario radiofônico. Deveres Os residentes devem estar sempre prontos a ajudar o pessoal do escrit’orio. Banhos A tina est’a `a disposi’c~ao dos residentes aos domingos, de nove horas em diante. Podese usar o WC, a cozinha, o escrit’orio particular ou o escrit’orio geral, `a escolha. Bebidas alco’olicas S’o com receita m’edica.